



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 9 de Agosto de 1980 * Ano XXXVII — N.º 950 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

1 Aflorou há tempos por aí uma pequenina guerra do alecrim e da mangueira acerca da criação de uma Escola de Ciclo directo onde a cobertura deste nível escolar está feita pela Telescola. Uma pechazinha muito nossa de puxar a chuva para cima do molhado! Mais urgente nos parece o desdobramento da Escola Secundária de Penafiel, a servir populações estudantis de várias freguesias distantes da sede do concelho, evitando a deslocação e defendendo-as da dissipação que ela implica, sobretudo numa época em que os vazios de tempos lectivos acontecem com demasiada frequência e constituem uma grave tentação para os jovens estudantes.

Porém, a nota surge-me de uma prioridade ainda mais importante. Com a escolaridade obrigatória de seis anos, com uma exigência cada vez maior

de habilitações, muitos jovens trabalhadores sentem o estímulo de prosseguir estudos, o que lhes é possível só em cursos nocturnos. Mas como, se não há transporte para a Escola concelhia, única onde funcionam tais cursos?

Há anos que a nossa carrinha faz esse trajecto todas as noites e sempre, para além dos nossos Rapazes, tem dado a outros uma oportunidade sem alternativa. Fizemos já diligências a nível distrital para que fosse subsidiada uma carreira que proporcionasse a mesma sorte a mais outros que já se encontram motivados e incentivasse muitos mais a queressem o mesmo, aproveitando as horas livres da noite num esforço de valorização que lhes aproveitaria e redundaria em bem-comum. Fizemos sim, mas até agora não achámos resposta. É pena! Gasta-se tanto dinheiro em «bonitinhos» e este

investimento tão promissor não logra.

A última vez que estive em Benguela, em 1977/78, encantava-me de ver os auto-carros dos transportes urbanos, às 11 h da noite, às portas das Escolas, esperando os trabalhadores-estudantes que levavam aos bairros da periferia. Porque não aqui?!

No próximo ano lectivo os nossos Rapazes já excedem a lotação da carrinha. Chovemos pedidos de boleia. Até de Paredes!: «Nós (são três) necessitávamos que a vossa carrinha viesse buscar-nos junto à Estação. Esperamos que se digne ajudar-nos.»

Oxalá alguém marque visivelmente esta local e a mande ao IASE em Lisboa. Estamos muito a tempo de uma boa solução.

2 Cartas! São um mundo cheio de beleza! Aqui deixo esta, não sei de onde, que dedico -aos nossos como se fôra um «Cantinho dos Rapazes», para que reflitam e se penitenciem os que têm razões para o fazer:

«Muito triste com o resultado dos estudos dos nossos filhos, enviamos pelo correio um vale com a quantia de 5.000\$00 que gostaríamos fosse gastos a ajudar os estudos dum qualquer dos vossos rapazes que seja inteligente, goste de estudar e tenha, como certamente deve ter, dificuldades monetárias.

Pedimo-vos uma oração por

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

□ O problema pode e deve pôr-se ante o espectáculo que nos é oferecido todos os dias. Haverá lugar para as pessoas de idade ou precocemente envelhecidas no fim deste século? Os Doentes incuráveis ou os deficientes de vários tipos terão espaço na sociedade futura? A visão hedonista da vida, o materialismo atroz que vai grassando, o acento no ter e no consumismo, parecem conduzir, infelizmente, a respostas negativas, de perspectivas satânicas. Recusamo-nos, porém, a acreditar que as forças do espírito não se venham a sobrepor, vencendo a crise de valores em curso e levando os homens ao mais profundo respeito e consideração pelos Velhos e Doentes.

Pensamos que é na Família que se há-de encontrar a resposta adequada e justa. Se os laços do sangue se vão correndo até à destruição, se o sentido de solidariedade se vai perdendo entre os seus membros, se a fidelidade e o espírito de sacrifício se ausentarem, tudo estará perdido. Destruida a Família, todos os outros elos se esvaziarão e estarão criadas as condições propícias para o desrespeito do homem pelo homem ou, se

quiserem, do «homo homini lupus». Pelo contrário, a existência de famílias fortes e coesas, onde o respeito mútuo impere e a educação se processe no respeito entre as várias gerações, na partilha e na justiça, será a garantia duma sociedade mais harmónica e pacífica, onde haverá lugar para todos e à aceitação de todos, quaisquer que sejam as contingências da vida.

Três casos, entre muitos, a corroborar as nossas inquietações, que mostram a saciedade até que ponto pode levar o egoísmo e a preocupação exclusiva de ter, esquecendo os valores morais. Numa terra do centro do País um casal emigra para a Europa. Deixa um dos pais num hospital, velho e doente, e parte. Nunca mais aparece e abandona o familiar que, tendo obtido melhoras, não tem outra solução senão a de entrar num asilo.

Um segundo caso, não menos sintomático. Alguém que conhecemos na plenitude das suas forças, por sinal com grandes preocupações de ordem social, levou uma vida desgastante, assegurando aos seus descendentes condições

Cont. na 4.ª página

TRIBUNA DE COIMBRA

● A Capela é o centro; e o altar é, para o cristão, a mesa do Pão do Céu. Depois de matarmos a fome do corpo, matemos a fome do espírito.

Há dias, em conversa com um dos nossos, ele disse-me que gostava muito de ler e rezar pela Bíblia. E o que gostava mais era das Parábolas: a Parábola dos talentos — Deus a repartir dons. A Parábola da semente — Deus a semear no campo da nossa vida. A Parábola da rede — rede que apanha o bem e o mal e os homens têm a missão de escolher. A Parábola do Filho Pródigo — Deus Pai de bondade, sempre pronto a perdoar e a volta do filho que o abandonou e a mediocridade de vida do filho mais velho que se considera sempre fiel.

Todos os dias lê e reza.

● Nas horas que passei à beira-mar encantou-me a paz e harmonia daquela grande família constituída por quatro ca-

sais com filhos. Sempre muito juntos, sempre muito alegres, sempre muito acolhedores para os nossos, sempre com seus filhos muito misturados connosco.

Descobri que rezavam. Encontrámo-nos à volta do mesmo altar. Levavam a Bíblia para a praia e, enquanto os filhos brincavam, os pais liam a Palavra de Deus e rezavam juntos.

Que santa hora eu disfrutei também!

● O José Ricardo veio dizer-me que não é baptizado e quer, sê-lo. O pai não deixou baptizá-lo, mas agora o pai... é ainda mais livre (na verdade — mais acorrentado). No fim das férias para todos à beira-mar, havemos de recomençar com a Catequese e havemos de baptizar os que ainda o não são e havemos de fazer uma festa e o José Ricardo há-de sentir-se mais alegre.

Padre Horácio



Os escritórios e duas casas de habitação da nossa Aldeia do Tojal

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

FESTAS — Mais uma vez, como sempre, procurando não fugir à tradição, este ano voltámos a ter Festa em Lisboa (Monumental) e Loures.

Isto porque nos sentimos na obrigação de dar resposta aos anseios dos nossos Amigos, que há longa data se habituaram à nossa presença sempre esperada e desejada. Tudo isto porque a necessidade de um encontro com os nossos Amigos nos faz transpor todos os obstáculos que se nos deparam. A elaboração do programa, os ensaios, assim como toda a organização é, sem dúvida, um trabalho exaustivo que, por vezes, leva os mais responsáveis quase ao desânimo.

Contudo, não nos foi possível ir mais além do que Lisboa e Loures, no que diz respeito à presença noutras salas. O tempo era escasso e os exames aproximavam-se. Havia que estudar, pois os ensaios ocupariam grande parte do tempo disponível. Deste modo tivemos que negar algumas solicitações que nos foram feitas.

Do programa que elaborámos para este ano, fez parte uma peça de autoria do Lita (gaiato de Miranda) intitulada: «Ainda há Crianças que...» Crianças que nos nossos dias, e depois de passado o Ano Internacional da Criança, continuam a viver em barracas e com fome. Peça que, com o seu conteúdo, procura alertar mais uma vez a sociedade para as condições desumanas em que vivem milhares de Crianças e não só!

Na segunda parte abrimos com a marcha inicial «Isto é a Casa do Gaiato». Seguiram-se alguns números de variedades como: danças, canções, palhaços e um número de folclore. Tivemos também a participação dos gaiatos de Miranda do Corvo que representaram connosco um número bastante engraçado: — A Rosa que deixa a província e vem para a cidade trabalhar como mulher a dias e acaba por casar com um magala «atrevido» que conhece no jardim, quando passeia os filhos dos patrões. Terminamos com a marcha final: «Eu te amo Obra da Rua».

Enfim, não se pode dizer que foi um espectáculo de elevado valor artístico e sem falhas, porque não somos profissionais, mas estamos certos que procurámos fazer o melhor possível.

Quero aqui agradecer a todos aqueles que tornaram possível a nossa presença naquelas salas a que fomos e a todos aqueles que de algum modo contribuíram para que a Festa fosse uma realidade.

FÉRIAS — A nossa época balnear abriu no dia 7 de Julho. Já lá passou o primeiro turno, encontrando-se agora o segundo a gozar os seus merecidos quinze dias.

Assim, e enquanto uns descansam na praia, outros cuidam do armazenamento do feno e da apanha da batata. A vida quotidiana em nossa Casa, não pára.

António José

Praia de Mira

«MOSQUITOS» — O nome mosquito é dado cá em Casa não só ao insecto pequenino como também aos livros de desenho, animados e de cowboys. No fim do almoço, a malta propõe-se a encontrar os «mosquitos» que, depois, ao sol sorridente, são relidos. Ao falar de livros de cowboys penso no Mário e, ele, como dono dos livros, parece um vaqueiro que tem uma manada de gado. Falei dos «mosquitos» a propósito de eu estar a ler um livro de Roy Rogers e ter sido interrompido pelo sr. Padre para fazer uma orónica. Fiquei aborrecido, mas isso não fez barreira. Foi só um acordar. Lá deixei a aventura do cowboy.

O chefe maior «Tonito» deu a sua anedota. «Ô pá, escreve assim: Alguns quando se deitam, têm os calções enxutos e quando se levantam já os têm molhados.» Olhei para ele, ri da sua anedota. Perguntei-lhe o que devia escrever para os nossos Leitores. «Olha, diz lá que nós já tínhamos saudades do trabalho e que às vezes íamos à Lenticueira matar saudades, mas que depois fomos para Miranda arrancar batata e perdemos logo as saudades. Voltámos de lá todos partidos, com saudades das férias!»

A nossa praia é linda. O sol é muito nosso amigo. Oferece-nos sempre a sua carinha sorridente. E o mar que tem sempre o seu olhar mal encarado, nestes dias mostrou-se também alegre. E nós não deixámos de tomar riquíssimos banhos.

O nosso tanquinho, ao princípio das férias, mostrou-se sempre deserto, triste. Agora, como chegaram alguns maiorinhos, resolveram dar companhia e alegria ao tanque. O Afonso todos os anos que vem para férias, arranja com que alegrar o tanque. Este ano, ele mais o «Lacinho», apanharam muitos peixes; quatro grandes, uma enguia e mais peixes pequenos que não têm conta. Quando se olha para o tanque vê-se uma cara sorridente; olha-se para os vasos com flores, outras caras a sorrir; olha-se para as crianças e adultos, vêem-se caras alegres.

A nossa Casa está mesmo a sorrir!

ANIVERSÁRIO — Dia 23 o João e sua esposa Glória, tiveram o seu aniversário de casados. Já vão 13 anos de união matrimonial. Foi um dia feliz. A Glória propôs-nos um rico almoço acompanhado de uma caldeirada que ficou de trás da orelha! Foi bem apetitosa! Não me lembro de comer assim uma caldeirada como esta. Parece que ainda estou a comê-la! Que bela cozinheira! E não não sei se o João ajudou, se não considerava-o também um belo cozinheiro.

Felicidades para os dois e para os seus filhos, Paulo Jorge e Maria João.

PEDIDO — Pedir quando se tem falta, não é vergonha, não ofende ninguém. Eu queria salientar que, quando chegamos às férias, os nossos calções de banho já estão velhos e fora de moda. Ou são só uns que mudam de moda? Parece que os pobres também podem mudar de velho para novo!

Toalhas de banho nunca tivemos e são muito necessárias aqui em casa. O pedido aqui vai ao encontro dos leitores, para que nos mandem calções de banho, grandes e pequenos e toalhas de praia.

Os senhores leitores não são obrigados! Dão se puderem. No mundo ninguém é obrigado a dar. Dá se quer. Daqui vai o nosso agradecimento, da Casa do Gaiato — Miranda do Corvo.

Guido

Azurara

Começaram as férias para os nossos mais pequenitos.

Como de costume o turno dos mais pequenos parte nos fins de Junho e regressa para a grande festa do nosso Pai Américo, no dia 16 de Julho.

Começou tudo lindamente. Após chegarmos, os que já conheciam todos os cantos da casa e arredores, serviram de oicerones aos que, pela primeira vez, vieram gozar estes dias de sol tão radiante.

Passados poucos dias, depois de termos tudo limpo e arrumado, chegou a altura de eu e a D. Maria Angélica inmos distribuir bóias, bal-



A Primeira Comunhão de onze dos nossos mais pequenitos

des, bolas, enfim, todas as espécies de divestimentos para assim todos se poderem divertir da melhor maneira.

Mas o melhor ainda estava para chegar: A Primeira Comunhão de onze dos nossos mais pequenitos.

Tudo estava preparado, desde os cânticos até ao rico e apetitoso almoço. Bolos feitos pela Adelaide e D. Maria Angélica, souberam que foi um regalo! Elas sabem fazer bons bolos mas o de comunhão foi feito de propósito. Estava tão bem feito e enfeitado que até dava gosto. Enfim, comeu-se até não poder mais.

O tempo correu lindamente e numa semana e poucos dias estava tudo moreno.

As ofertas foram muitas: da Fábrica Imperial, de Azurara, 5 caixas de bombocas; da Agros de Vila do Conde, pacotes com fatura, de leite achocolatado; familiares de D. Maria Angélica: bolos, marmelada, pêssegos e morangos, tudo em grande quantidade.

Muito obrigado a todos.

Entretanto, aproximou-se a altura de darmos a vez ao turno seguinte.

Chegado o dia da despedida, as batatas fritas com bife, salada de fruta, etc., não faltaram. «E comer até fartar!» — diziam eles bem alto. Ao chegar a Paço de Sousa, ainda se viam rebugados e bolachas nos bolsos de todos.

Boas férias para os próximos turnos e também para os nossos Leitores.

«Faniqueira»

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — A normalidade da nossa vida em Miranda do Corvo, teve uma quebra no passado dia 17 de Julho, a qual se retomou dois dias depois.

A razão desta quebra esteve pura e simplesmente na colheita da nossa batata.

Para isso teve que interromper as suas regaladas férias, o grosso da malta que, na altura, se encontrava na Praia de Mira. Assim, partindo

depois do almoço, fomos chegar a Miranda por volta das 4 h da tarde.

Olhos sorridentes, braços cansados e folgados, foi o panorama apresentado pelos rapazes, quando misturados com os que nos esperavam em Miranda, estávamos prestes a começar o trabalho.

E começou a jornada! Uns dando pouco, outros dando muito, conforme as capacidades de cada um, o trabalho foi rendendo até às 9 h da noite.

Depois de um banho de chuveiro, fomos à piscina desentorpecer os braços e as pernas de mais um dia de trabalho. Jantando e rezando a oração da noite, fomos descansar.

Às 6 h da manhã de sexta-feira, já os arrancadores da batata andavam a exercitar esta função e com o pequeno almoço às 7,30 h, continuámos a jornada até às 12 h.

Muito calor! Terra rija. Não foi o suficiente para desanimarmos, pois ao meio da manhã e da tarde, lá vinham os nossos professores com um refrescquinho com o qual nos refrescámos interiormente e cujo líquido não nos deixara cair na preguiça.

Trabalhando até às 9 h da noite, fomos novamente à piscina e seguidamente jantar.

Costas dobradas e cansadas! Músculos fracos! Calos nas mãos! Eram as razões de mais uma noite de descanso.

Novamente às 6 h de sábado, iniciámos a tarefa, vindo a acabar definitivamente por volta das 2 h da tarde.

Como o almoço era já tardio, marcámos o meio da manhã com o princípio do «comer» das nossas pernas juntamente com um pedacito do nosso pão.

Indo novamente à piscina, almoçámos às 2,30 h da tarde, ficando a jornada terminada e a tarde livre para todos.

Com as forças já em baixo, com dores intensas e com as mãos «estragadas» ficaram os de Miranda a dormir a sesta e pelas mesmas ra-



Um quadro das Festas do Tojal



Movimento Esperança e Vida

VIÚVAS

5 Entre a documentação dos meios de acção do M. E. V. português e, concretamente, de uma folha de ligação que distribue, transcrevemos mais uma Carta, dirigida a uma Viúva recente:

«Amiga

Dirijo estas palavras a ti, minha irmã, que enviuvaste há pouco tempo e te sentes perturbada, angustiada, marginalizada... Sei o que sentes, já por aí passei eu também! E a caminhada por mim percorrida permite-me partilhar contigo a tua inquietação e grande necessidade de compreensão.

Como tu, conheço eu também aquela palavra tão difícil de entender, tão custosa de viver: solidão. No entanto, minha irmã, aconselho-te a não te deixares abater demais. Não permitas que ela tome o lugar de preponderância na tua vida. Sabes, cada uma aprende a viver a sua solidão e é muito importante tornar a encontrar uma qualidade de vida. Sê exigente quanto a esta qualidade.

A tua maior dificuldade resulta da ausência do teu companheiro da vida, deste sentimento de estares privada dos anos da velhice que sonhavam viver juntos. Depois deploras os primeiros sinais de envelhecimento do teu organismo e quando não reages, ficas tomada de pânico pelo que isso possa ocasionar, tanto para ti como para aqueles que te cercam.

Parece-me que a melhor forma de ultrapassar os obstáculos inerentes a este período da vida é a aceitação: aceitar conscientemente o facto de não ter jamais o marido ao nosso lado; procurar a sua presença em Deus pela Fé; consentir na velhice com tudo quanto isto implica. Uma das formas desta aceitação consiste em fazer o que esteja ao nosso alcance para continuar a viver plenamente até ao fim. Não é verdade que a vida é um dom de Deus? Por isso, convém cuidarmos do nosso corpo para evitar dentro do possível o seu envelhecimento: procurar fazer um pouco de ginástica, andar a pé; seguir um regimen racional, evitando comer as guloseimas que tanto tentam os idosos; cuidar também de nos alimentar o suficiente. Sobre tudo, não nos deixar ir abaixo.

No plano intelectual, é preciso lutar contra a perda das faculdades: procurar novos campos de interesse, participar em colóquios e conferências, tomar parte em cursos, enriquecermos mental e espiritualmente.

Devemos dar à oração um lugar de muita preponderância na nossa vida. Lembra-te das palavras de S. Paulo: «A verdadeira Viúva, aquela que ficou sózinha neste mundo, põe a sua esperança em Deus, e persevera noite e dia em orações e súplicas.» (Tim. 5, 5) Falamos aqui S. Paulo na oração contínua, em fazer

Continua na QUARTA página

zões regressámos à praia (os que a Miranda tínhamos ido para arranjar batata) a fim de continuarmos as nossas férias normalmente e regalarmente.

Rendeu o nosso trabalho cerca de 12.000 kg de batata.

Também os nossos pêssegos, já maduros, deram uma rica sobremesa, num dos domingos ao almoço.

PINTAINHOS — Como de costume, o Aviário de Santa Cita, de Tomar, mandou-nos mais duas caixas de pintainhos para criarmos e com os quais, mais tarde, quando estes tiverem uma boa estatura e gordura, nos saciarem e satisfazerem no campo alimentar. Bem hajam estes amigos.

Carlitos

Paço de Sousa

CONVÍVIO — Realizou-se no passado dia 27 de Julho, mais um convívio de antigos rapazes da nossa Casa de Paço de Sousa. Muitos não puderam vir ou não foram avisados com antecedência. Mas os poucos que por cá apareceram, gostaram imenso de conviver connosco.

Vieram de manhã, por volta das 9 h. Fizeram a sua visita à Casa, recordando os seus tempos. Ao meio-dia, celebrou-se a Missa para a comunidade em que eles participaram também.

Seguidamente alguns rapazes da actual comunidade foram convidados a almoçar com eles. De certeza que gostaram muito do almoço, até porque o mesmo foi na mata.

Eram 16 h, o nosso conjunto que, apesar de no dia anterior ter actuado fora, tocou algumas músicas do seu repertório. Cantou também o Faustino acompanhado com a sua viola.

Depois de tudo isto, tomou-se um bom banho na nossa piscina.

Tudo correu perfeitamente bem no meio de muita alegria.

ATLETISMO — Realizou-se também no dia 27, o Grande Prémio de Coreixas em Atletismo, para atletas populares. A nossa equipa formada por rapazes muito jovens, concorreu e, apesar de tudo, comportou-se dignamente.

Na estafeta conseguiu tirar o 3.º lugar.

Nos 3.500 metros — «Repolho» foi 5.º, «Malmequer» 7.º e o Joaquim o 8.º. De qualquer modo a nossa equipa muito se esforçou por conseguir fazer melhor.

PRAIA — Já se encontra em Azurara o 3.º turno que é chefiado pelo Costa e pelo «Campanera». O 2.º turno passou uns dias agradáveis, com intenso sol. Só me resta desejar a este turno uns dias felizes e que haja, sobretudo, harmonia e descanso. Oxalá que o sol não se esconda mas lhe faça boa companhia.

«Salsichas»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Sr. Panchorra sofre mais uma trombose. Como o vizinho adoece também, não havendo por cá quem lhe hote a mão noite e dia como ele — um herói! — foi recolhido in extremis no Calvário.

Nunca vimos a cara dos filhos, durante os muitos anos que lhe demos a mão — desde que o sacámos da barraca onde vegetava. Agora, porém, já no fim, surgem os ausentes!

Entretanto, Deus chama o sr. Panchorra, corpo macerado pela dor. Fica em descanso, no bucólico cemitério do Calvário, exactamente no

dia 16 de Julho, quando Pai Américo perfaz — nas contas do tempo — 24 anos de glória celestial. Coincidências divinas!

O nosso Padre Baptista celebra Missa de corpo presente, no Celeiro do Pão Vivo. O silêncio e a Cruz, que pareciam ter parado o tempo, rasgam-nos o peito! Lembramos o vasto mundo; sem esquecer o sr. Tomaz Dias, santo que o antecedeu na sua moradia em Paço de Sousa, e que na década de 50 fora a grande motivação na arrancada do Património dos Pobres.

PARTILHA — Rua da Lapa, Lisboa, 200\$00. Assinante 19177, 200\$00 e mais 50\$00 «duma senhora minha amiga por alma do seu marido». «Uma portuense qualquer»:

«Para ajuda das despesas da vossa Conferência Vicentina junto a misgalhinha relativa ao mês de Junho — 250\$00 — à qual acrescento mais 150\$00, pois tudo é pouco para poderem continuar a valer a tantos casos e a darem descanso a pessoas honradas que, como aquele velhinho de que falaram em O GALATO, não queria morrer sem pagar tudo o que devia ao merceiro!»

Louvido seja o Senhor por tudo: por tanta honradez por parte do velhinho e por lhe poderem solucionar o caso!»

Em discreto papel, 200\$00 «para o que for mais preciso». Delicadeza d'alma! No Espelho da Moda entregaram 100\$00 anonimamente e a assinante 13519 uma nota pesada «referente a Julho e Agosto». Mais delicadeza!

Médico d'algures manda um vale de correio de 800\$00. E a assinante 11162, do Porto, marca a presença de sempre: 200\$00 «para os nossos Irmãos necessitados».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Lar Operário em Lamego

É pouca a habilidade para escrever. O tempo disponível, ainda menos. Falar, todavia, da abundância do coração, é caminho certo para se dizer alguma coisa.

O Jardim Infantil de Samodães, pelas carências daquele povo e na esperança de ser meio polivalente de atingir as famílias nas suas variadas dimensões, é força dominante a encher todos os momentos da hora presente.

A uns fala-se no caso; a outros escreve-se sobre o assunto; aquele manda-se-lhe o jornal; a este pede-se uma ajuda. E a verdade é que vamos encontrando colaboradores. A nossa vontade vão-se juntando outras vontades. A notícia vai correndo. O interesse e as ajudas surgem aos poucos.

O ano passado um grupo de jovens alemães fez o arranque e deu início à sede. Agora, acabam de chegar quatro raparigas e três rapazes da Holanda, animados de energia e força, capaz de novo avanço. Antes das 8 h da manhã, munidos de instrumentos de trabalho, já estão no local indicado. Dá gosto e alegria vê-los dedicados à tarefa como se fosse coisa sua. E o povo, apesar de uma visão bastante limitada, começa a deixar-se contagiar. Um ou outro junta-se ao grupo. Um ou outro manda batatas e fruta e vinho e coisas para ajudar à alimentação. A maneira de falar, dos de cá e dos de lá, é diferente, mas todos se entendem pelos

gestos, pelos sorrisos, pelas amabilidades.

Começamos por arranjar um caminho que estava quase intransitável. O Jardim começa a ser útil a todos. Na última semana preparou-se uma sala que fica a servir de barbearia. Não é fácil num povo de 100 famílias e onde menos de 10% vivem com relativo conforto, existir uma comissão interessada para cada necessidade. Já se nos afigura, porém, mais viável o funcionamento duma obra que seja capaz de olhar para o homem e tudo o que com ele se relacione desde a infância à velhice.

E assim o Jardim Infantil começa a preocupar-se com as crianças e tenta conseguir uma Educadora. Começa a preocupar-se com os adolescentes e mais novos e aparecem sete jovens da Holanda a preparar um campo para os tempos livres. As visitas aos doentes e aos mais idosos está assegurada com regularidade. Ensaia-se os primeiros passos e de tudo e de todos precisamos. Diante de nós está um longo caminho a percorrer. É preciso firmar o que se fez e concluir o muito que ainda resta incompleto. Esperamos que o Jardim Infantil seja a mola real que, num futuro mais ou menos próximo, consiga melhores dias para o povo de Samodães. Ontem foi o grupo de jovens alemães; hoje é o grupo da Holanda; amanhã serão os nossos jovens a compreender e a colaborar no bem da comunidade.

Padre Duarte

Novos Assinantes de «O GALATO»

Num mundo em que se corre contra o tempo, e com tão numerosos aliciantes, há necessidade de diversificar acções que dinamizem a expansão de O GALATO.

Os discípulos palmilharam longas distâncias, interpretando a dinâmica do Mestre; não para fazer turismo, mas para difundir a Sua Mensagem.

Assim, o nosso Padre Carlos, nas igrejas do norte do País, onde comenta a Boa Nova, referindo-se à Obra da Rua e a O GALATO, tem colhido centenas de novos assinantes para o nosso jornal. Só em Santo Tirso, recentemente, inscreveu 200! E, agora, que tomou o gosto, quando anda por lá em serviço da Obra da Rua — como foi no II Congresso das Instituições Particulares de Assistência, que decorreu no Porto — é abordado por gente que, espontaneamente, se decide pela leitura de O GALATO.

Entre as boas notícias que temos em mãos, não podemos deixar de referir, também, a extraordinária disponibilidade — e sacrifício — de uma Senhora de Ovar, para quem os anos não contam. Além da colheita de novos assinantes — desta feita mais cinco deles — cobra regularmente as anuidades em mais de 100 domicílios! Trabalho amoroso e frutuoso que pode servir de exemplo a outros Amigos que se disponham, generosamente, a seguir as suas pisadas noutras terras do País. É que, na verdade, os assinantes teriam sempre as contas em dia; que a vida, a dura vida dos nossos dias, nem sempre dá para escrever uma carta, quanto mais para emitir um vale do correio ou um cheque.

Vem-se operando uma verdadeira revolução entre as famílias dos nossos leitores! Te-

Cont. na 4.ª página

VIÚVAS

Continuação da TERCEIRA página

de cada uma das nossas acções uma oração. É necessário encontrar meios simples para elevar à nossa consciência o sentimento da presença de Deus em todos os momentos do dia: no trabalho, na refeição, no convívio, no repouso.

Lembra-te também das palavras do Anjo às mulheres que se dirigiram ao túmulo de Jesus: «Por que motivo procurais entre os mortos Aquele que está vivo? Não está aqui: ressuscitou.» (Lucas 24, 5)

A Viúva vive da Esperança — de esperança na ressurreição!

E agora, um último conselho: conserva a tua liberdade, não permitas que façam de ti «escrava»! Tens direito à tua vida. Procura realizar-te, ser útil amando e servindo, ocupando livremente, conscientemente, o teu tempo. No entanto, pouco conseguirás realizar sózinha. Seria muito positivo tomar parte num grupo ou movimento: na paróquia, na diocese ou mesmo nalguma organização internacional.

Minha irmã, aprende a sorrir... Um sorriso nada custa, mas rende muito! Não há ninguém que tenha mais necessidade de um sorriso do que aquele que o não pode ou não quer oferecer!

Para leitoras interessadas em bibliografia aconselhada pelo M. E. V., referimos as seguintes obras:

— «O amor mais forte que a morte», por H. Caffarel, A. M. Carré, L. Lochet, A. M. Rouguet, colectânea dos melhores artigos publicados na revista «Offertoire».

— «A Viuvez na Igreja», do Padre L. Lochet.

— «Message aux Veuves», revista dirigida a todas as Viúvas, quer façam ou não parte de um movimento, e que procura, através dos seus diversos artigos (espiritualidade, educação, testemunhos, livros, etc.) ajudar cada uma das leitoras a fazer face aos seus novos problemas e a descobrir o sentido espiritual da sua provação. 49, Rue de la Glacière, 75013 Paris, França.

— «Notre Message»: Rue de la Prévoyance, 58 à 1000, Bruxelas, Bélgica.

— «Encuentros»: Federacion de Asociacio-

nes de Viudas Hispania — Calle Alfonso XI 4-6.º, Madrid 14.

— «Mensagem de Pio XII às Viúvas.

— Mensagem de 3 Papas às Viúvas.

— «Continuemos a caminhar» (M. E. V.): Livraria Telos Editora — Porto.

— «Encontro»: jornal trimestral do M. E. V. Terminamos com uma citação que serve quase de ex-libris do M. E. V.: «A Viuvez não é um termo, é um ponto de partida».

P. S. — Nós temos de ser oportunos e imoportunos! É nossa obrigação moral — e social — não esconder os dramas aflitivos de milhares de Viúvas recentes, a braços com dificuldades sem conta; exactamente porque lhes demoram imenso tempo o deferimento da chamada pensão de sobrevivência.

Estranhámos que o bom senso não resolva o dramático problema definitivamente, ainda que as desculpas — dos responsáveis — impendam também sobre a burocracite...!

Uma Viúva jovem está aqui a nosso lado, de lágrimas nos olhos. Precisa de alimentar os filhos pequeninos. Toda a gente se lembra dos arraias e hossanas ao Ano Internacional da Criança... Pois no mês de Setembro de 1979, logo após a morte do marido, requiere a dita pensão ao departamento oficial competente, cuja papelada seguiu por intermédio dos Serviços Municipalizados onde ele trabalhava. O deferimento permanece num impasse há 9 meses!

— Veja se escreve prá Caixa. Eu não posso viver mais tempo assim...!

E não é só isto. Ela procura-nos para lhe darmos a mão noutro assunto:

— Agora, que preciso de pagar seis contos à advogada, pelos honorários do processo de inventário de menores, por via da minha casinha (está a ver?), não tenho dinheiro...!

Neste como noutros casos, nós suprimos buracos que já são crónicos. Fazemo-lo angustiados, pois enquanto estas lacunas permanecerem — como é óbvio — os Pobres continuam a ser (ainda que temporariamente) esbulhados dos elementares Direitos Humanos. Porque de Direitos se trata!

Júlio Mendes

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

materiais favoráveis. Uma trombose tornou-o inválido e logo a família tratou de o colocar num lar, onde lhe não faltará nada de recursos materiais. Simplesmente, quando mostrámos desejo de visitar esse nosso Amigo, logo um dos seus familiares nos disse que não valia a pena, porque o doente não conhecia ninguém. Ficou-nos a ideia que aqueles que hoje usufruem uma vida mais regalada poucas vezes visitarão o seu familiar.

Um terceiro caso, deveras expressivo, pelo que denota de injustiça e de sofreguidão pelo dinheiro. Uma senhora viúva adoece. Seus familiares quase se furtam a gastar o que lhe pertence, porque ainda viva, em médicos e medicamentos. Ao interná-la num lar buscam um quarto mais baratinho para não gastar tanto dinheiro, com uma cama mais modesta. No entanto, vejam lá, a pobre senhora tinha ou tem centenas de contos de rendimento por mês.

O que aqui se aponta em três casos concretos passa-se com milhares de pessoas em todos os escalões sociais. Diga-se, porém, para nosso exemplo e meditação, que são os mais desprovidos de bens materiais que, muitas das vezes, ocupam os seus lugares.

□ Recusamos todas as dis-

crimações de pessoas. Se temos sido injustos com alguém ou nem sempre procedemos na vida com a correcção devida para com o Próximo, gostaríamos de reparar o mal feito ou as omissões danosas do semelhante. Rejeitamos, porém, todos os privilégios discriminatórios ou a catalogação implícita dos cidadãos em categorias. Não percebemos, pois, porque existem grupos sociais com facilidades ou privilégios não extensivos aos restantes. Sim, que isto de ter habitualmente combustíveis mais baratos, facilidades nos transportes públicos, oficinas e pessoal gratuito à disposição, além de outras benesses, só se entende em serviço ou por inerência de certos cargos. O resto é discriminação e como tal injustiça flagrante, que nem os «slogans» apagam ou as boas intenções justificam.

□ Vamos adquirir uma «offset» para a nossa tipografia. Está no plano enunciado no começo do ano. As técnicas modernas têm de ser postas à disposição dos nossos Rapazes. Não lhes faltarão com o vosso auxílio e o vosso trabalho, fontes que garantem o milagre da Obra mesmo no campo material. Sim, porque não são os 115 contos anuais de auxílio oficial que tal permitirão. Demos as mãos.

Padre Luiz

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Cont. da 3.ª página

mo-la observado com os olhos da alma. São os pais, tios e avós que motivam filhos, sobrinhos e netos para a leitura de O GAIATO. Acções cuja transcendência sublinhamos, por ser já uma autêntica bola de neve. Ora leiam:

«Venho comunicar que enviei um vale de correio para

uma assinatura do nosso querido jornal O GAIATO em nome de meu sobrinho.

Muito agradeço passem a enviar-lhe o jornal logo que seja possível. A mensagem do Bem chega até nós através de O GAIATO e pena é não sejam mais pessoas a lê-lo.

A minha gratidão por todo o Bem que O GAIATO faz e ensina a fazer.»

No grosso da coluna temos novos assinantes de Lisboa, Porto, Ovar, Avanca, Pombal, Oliveira do Hospital, Tomar, Malveira, Cantanhede, Póvoa de Varzim.

Padre Carlos

Júlio Mendes



Tiragem: 43.300 exemplares

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª página

todos os rapazes e raparigas que não sabem, não conseguem ou não gostam de estudar e que vão ter, por isso, bem grandes dificuldades de encontrar «o seu lugar ao sol» na vida.

Os meus filhos, a quem tanto gostaríamos de ajudar, estão entre esses e, por isso, com o nosso desgosto, a nossa angústia e o nosso amor, pedimos-vos a vossa oração para que Deus os ajude a encontrarem-se.»

Outra carta. É de Silves. Meus Deus, quem a merece?!

«Ao ver na televisão o programa sobre a Casa do Gaiato, não pude deixar de vos escrever. Eu conhecia-vos já, através do jornal, mas ao vê-los na televisão, senti uma grande alegria, foi como se es-

tivesse a ver pessoas da minha família e, na verdade, somos uma família. Bendito seja Deus pelo amor fraterno que une as criaturas!

Gostei de ver as actividades dos rapazes, embora eu já conhecesse um pouco de tudo, pelo jornal. Gosto muito de o ler!

Quanto ao Calvário, sensibilizou-me bastante. Essas pobres criaturas e os senhores que as ajudam e acarinhos, carregam a cruz fabricada por todos nós. Esta é uma triste realidade! Andamos muito ocupados, não há tempo para pensarmos nos que sofrem. E, no entanto, por vezes, afirmamos com muito orgulho, que somos cristãos. Que Deus nos perdoe.

O que hoje vou mandar mal chega para um calçãozinho de banho para um pequeno. Peço-vos que não escrevam agra-

decendo, não vale a pena; os senhores têm tanto que fazer...»

Terceira carta. Não resisto. Hoje é também aniversário de Pai Américo: a sua ordenação sacerdotal. Aniversário dele, aniversário nosso, pois para nós foi constituído «dom sagrado» há 51 anos. E que dom! E que perenidade quando o dom é a própria alma, a vida toda consumida até ao fim na divina tarefa de amar!

Este nosso irmão o confirmo, menos com palavras do que com as obras que Deus faz pela mão dos homens que acreditam que o Seu Nome é Hoje, eternamente.

«É só para lhe dizer que o dia 16, depois de tantos anos, é ainda força a ligar-nos mais uns aos outros. Pai Américo continua a dizer qual é o caminho. Nas horas difíceis que aparecem, a sua lembrança ajuda a resolver problemas.

O último apontamento que escrevi para O GAIATO, deu resultado. Recebi um telefonema do Director da Escola do Magistério a dizer que dava para Samodães duas Educadoras de Infância. Vão depois de 15 de Setembro. Já foram verificar as instalações e aprovaram. Demos graças a Deus. Posso dizer que foi mais um